

# VOGA

## SEMANARIO ILUSTRADO DA MULHER

COMPOSTO E IMPRESSO  
NAS OFICINAS DA ILUSTRAÇÃO  
30, Rua da Alegria, 30  
End. teleg.: LIBERTRAN — LISBOA

DIRECTOR TÉCNICO  
JOÃO DE SOUSA FONSECA  
DIRECTORA  
ESTELA SANTOS NOBRE  
SECRETÁRIO DA REDACÇÃO: ALVARO MAIA

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DE AILLAUD, LTD.\*  
REDACÇÃO — R. Cecílio de Sousa, 77, 1.º — Telef. N. 873  
(Antiga R. da Procissão)  
ADMINISTRAÇÃO — Rua Anchieta, 25 — Telef. C. 1084



BERTA SINGERMAN, A GRANDE DECLAMADORA QUE LISBOA CONHECE E JUSTAMENTE APRECIA

ESTE NÚMERO TEM 12 PÁGINAS E FOLHA DE BORDADOS

A REVISTA FEMININA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

Ayuntamiento de Madrid



# VIDA ELEGANTE



A sr.<sup>a</sup> D. Maria Vicência Abelho Baptista de Barros e o sr. Manuel da Silva Martins, por ocasião do seu casamento realizado na Ermida de Nossa Senhora da Conceição dos Olivais, em Estremoz

## DIPLOMATAS

Nota da assistência ao elegantíssimo chá realizado no Palácio da Embaixada Inglesa, a que fizemos referência no número anterior:

Duquesa de Palmela, Madame Cardoso de Oliveira e filha, Madame Vallin, Madame Pralon, Madame Voretzsch, Madame Finn Koren, viscondessa de Silveiras, Madame Fiscowich, Madame Jorge de Oliveira, Madame Delhom, Madame Leite de Faria, Madame Pires do Rio, Marquesa do Lavradio e filhas, Condessas de Mafra, de Alferrade, de Taboiera, da Ponte, de Arnoso e filhas, de Seixal, de Arge, da Torre e filha, da Foz, da Castanheira, de Castelo Mendo, Viscondessa de Marco e filha, Baronesa de Saint Georges de Kantzow, D. Branca de Atouguia Ferreira Pinto, D. Alice Munro dos Anjos, D. Maria Tereza de Ornelas e Vasconcelos, D. Maria Emilia Macieira Lino, D. Genoveva de Lima Mayer Ulrich e filha, D. Edith Schaw Perestrelo, D. Maria José de Azevedo de Vilhena, D. Piedade Valdez Briffa e neta, D. Luzia Patricio Fratell, D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso, D. Maria Espirito Santo de Melo, D. Maria do Carmo e Castro Pereira David Ribeiro de Carvalho, D. Helena Mauperrin Santos Castelo Branco, D. Natália de Muñoz y Puig, D. Maria de Lourdes Perestrelo de Vasconcelos, D. Maria Bruno de Heredia, D. Alice Bandeira Bastos, D. Ana de Melo Arruela, D. Maria Antas de Oliveira Reis, D. Alexandra Nobre de Melo, D. Maria Isabel de Castro Pereira de Arriaga e Cunha (Carnide), Madame P. Girard, D. Maria Simões dos Anjos e filhas, D. Maria Isabel de Orey Correia de Sampaio (Castelo Novo) e filha, D. Luiza de Sousa Holstein Beck Correia de Sá (Asseca), D. Vera Ferreira Pinto Ribeiro da Cunha, D. Maria Augusta Pereira de Sampaio Forjaz Trigueiros, D. Daisy Cohen de Betencourt, D. Ana Cabral da Câmara Ribeiro Ferreira, D. Luiza Sá Pais do Amaral Macieira, D. Maria do Carmo da Câmara de Noronha (Paraty), Mademoiselles Alcaçovas, Ponte, Penha Garcia, etc.

E os senhores:

Embaixador do Brasil, Embaixador de Espanha, Ministros da França, Alemanha, Itália, Bélgica, Roménia; Encarregados de Negócios da Santa Sé, da Noruega, da China, do Paraguai, da Finlândia, Fiscowich, Conselheiro da Embaixada de Espanha, Jorge de Oliveira, Secretário da Embaixada do Brasil, Secretários da Embaixada de Inglaterra, Espanha e Noruega, Adido militar de França, Marquês de Castelo Melhor, Condes de Penha Garcia, de Mafra (D. Francisco), Visconde de Asseca e de Marco, Guilherme Ferreira Pinto, D. Tomaz de Vilhena, João Perestrelo, Girard, Dr. José de Arruela, António Asseca, José de Castelo Branco Ribeiro da Cunha, Ernesto Bastos, D. Miguel Murça, Eduardo Maia Cardoso, Carlos Anjos Ribeiro Ferreira, Aires Pinto da Cunha, D. Vasco de Castro, Carvalho Nunes, António Olivais, Luís Trigueiros, etc.

— Madame Finn Koren e o ilustre Encarregado dos Negócios da Noruega, receberam há dias algumas pessoas das suas relações, entre as quais muitos membros do Corpo Diplomático. Foi uma tarde deliciosa passada nos salões do palácio da Junqueira, graças às amabilidades dos ilustres diplomatas.

## SALÕES

Festejando o aniversário natalício de sua esposa, a sr.<sup>a</sup> D. Maria José de Barros Belmarço, ofereceu o sr. Hugo Navarro de Andrade Bel-

março, na semana passada, na sua elegante residência, à rua Rosa Araújo, uma esplêndida «soirée» que decorreu sempre no meio da maior animação, ao som da exímia orquestra jazz-band da Garret, chegando por vezes a atingir o delírio.

Pelas três horas da madrugada foi servido no salão de mesa uma finíssima ceia.

Povoando as salas recorda-nos ter visto: Durante toda a noite esteve sempre aberto o «bufete», onde se serviam «cap» e vinhos finos.

Ministro da Marinha, Comandante Mesquita de Guimarães e D. Gilda Anselmo Mesquita de Guimarães; Buchevik, secretário da Legação de Itália; Conde e Condessa de Castelo Mendo, Visconde e Viscondessa de Alvelos, Dr. Martinho Nobre de Melo e D. Alexandra Nobre de Melo, Dr. José António de Campos Henriques e D. Maria Cordeiro Roquete de Campos Henriques, D. Henriqueta de Araújo Perestrelo de Vasconcelos e filhas, Artur de Campos Henriques e D. Maria Isabel Sousa Rego de Campos Henriques, Tenente-Coronel Cristóvão Aires e D. Aida Mourão Aires de Magalhães, José Correia Pereira e D. Tereza Mendes de Almeida Belo Correia, Dr. Mário Pinheiro Chagas, Eurico de Moraes, D. Augusta de Carvalho Moraes e filha, Eduardo Pereira, D. Elisa Homero Machado Pereira e filha, Nuno de Brion e D. Alice Pereira de Carvalho de Brion, Augusto de Vasconcelos Gonçalves e D. Beatriz Pinto de Vasconcelos Gonçalves, Dr. Rafael de Saldanha Marreca Franco, Diogo Sobral e D. Berta Sousa Rego Sobral, Conde de Vinhó e Almedina, Alfredo Andresen da Costa e D. Maria Helena Andresen da Costa, Guilherme de

quarta-feira, respectivamente nos teatros Politeama e Ginásio, referir-nos-hemos mais detalhadamente na próxima semana, publicando alguns aspectos dessas encantadoras festas, que deixaram em quem teve a felicidade de a elas assistir, uma impagável recordação.

## ALMOÇO

Por ocasião da realização do Congresso Nacional de Medicina, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Matilde Macieira de Araújo Coelho e o distinto Assistente de Clínica Médica da Faculdade de Medicina de Lisboa, sr. dr. Eduardo Coelho, ofereceram ao ilustre professor de Clínica Terapêutica da Faculdade de Medicina de Paris, e eminente especialista de doenças do coração, sr. Henry Vazquez, um almoço que decorreu sempre no meio da maior animação.

Foram convivas, além do homenageado, a sr.<sup>a</sup> D. Estefania de Macedo Dias Macieira e os professores srs. drs. Adelino Padesca, Lopo de Carvalho, Costa Sacadura e Canela de Abreu.

Os ilustres donos da casa e sua mãe e sogra a sr.<sup>a</sup> D. Estefania Macieira, puseram mais uma vez em destaque as suas fidalgas qualidades de carácter.

## CASAMENTOS

— Realizou-se na Ermida de Nossa Senhora da Conceição dos Olivais, em Estremoz, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria Vicência Abelho de Barros, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Vicência Abelho de Barros e do abastado lavrador sr. José Duarte Baptista de Barros, com o sr. Manuel da Silva Martins, filho da sr.<sup>a</sup> D. Maria Joana da Silva

Costa Alçada, filho da sr.<sup>a</sup> D. Ludovina dos Anjos da Costa Alçada e do sr. João Mousaco Alçada, e irmão do distinto advogado sr. dr. António Alçada.

Serviram de madrinhas a mãe da noiva e a tia do noivo, sr.<sup>a</sup> D. Carolina Mousaco Alçada Arnaud, e de padrinhos o irmão da noiva, sr. Joaquim de Sousa Belino, e o pai do noivo.

Celebrou o acto religioso, durante o qual foram executados vários trechos de música sacra, o prior da freguesia, reverendo António de Oliveira Reis, que no fim da missa fez uma brilhante alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Terminada a cerimónia religiosa foi servido na elegante residência da mãe da noiva um finíssimo lunch, seguindo os noivos depois para o norte, onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande número de valiosas prendas.

— Na paroquial igreja do Coração de Jesus, a Santa Marta, realizou-se o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Ester Beatriz de Oliveira Neto, interessante filha da sr.<sup>a</sup> D. Tereza de Oliveira Neto e do sr. Augusto César Freitas Neto, com o sr. Henrique de Melo Barreto, sobrinho do nosso embaixador em Madrid, sr. João Carlos de Melo Barreto. Foram madrinhas as mães dos noivos e padrinhos o pai da noiva e o sr. dr. Emílio Mendes.

Findo o acto religioso foi servido na elegante residência dos pais da noiva, à rua Conde Redondo, um finíssimo lunch, da «Garrett».

Na «corbeille» via-se grande número de artísticas prendas.

— Para o sr. Alberto dos Anjos de Vasconcelos Castelo, foi pedida em casamento pelo sr. dr. Afonso Homem de Vasconcelos de Almeida Serra, a sr.<sup>a</sup> D. Feliciano da Mota Veiga Prata, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Palmira da Mota Veiga Prata, e do sr. José Rodrigues Prata.

O casamento realizar-se-há ainda este ano.

## NASCIMENTOS

Teve o seu bom sucesso a sr.<sup>a</sup> D. Maria de Carvalho, esposa do distinto actor sr. Raul de Carvalho. Mãe e filha estão felizmente de perfeita saúde.

## BAPTISADOS

Em Abrantes, na paroquial igreja de S. Vicente, realizou-se o baptizado de um filhinho da sr.<sup>a</sup> D. Maria Virginia de Moura Neves Fernandes e do sr. dr. Manuel Fernandes, tendo servido de madrinha a avó paterna, sr.<sup>a</sup> D. Maria dos Prazeres Fernandes, e de padrinho o avô materno sr. dr. Guilherme de Moura Neves, recebendo a gentil criança o nome de Carlos Alberto.

Findo o acto religioso foi servido na elegante residência dos pais do recém-baptizado um finíssimo «chá», a que assistiram as principais famílias de Abrantes.

## CONCURSO HIPICO INTERNACIONAL

Está despertando grande interesse no nosso meio mundano o Grande Concurso Hípico Internacional de 1928, que ontem se iniciou no campo de obstáculos de Palhavã, organizado pela Sociedade Hípica Portuguesa, no qual tomam parte além da brilhante «equipe» militar espanhola, constituída pelos notáveis cavaleiros tenente-coronel sr. D. Gabriel de Benito, chefe da «equipe», capitães srs. D. José Alvarez Bohorques, D. Fernando de La Macorra Carratalá, D. Angel Somala Paricio, D. Jólío Garcia Fernandes e D. José Navarro Moreno, estes dois últimos já nossos conhecidos por terem tomado parte em anteriores concursos.



Grupo de assistência ao casamento da sr.<sup>a</sup> D. Alda Idalina Pereira de Aguiar com o sr. dr. Abel de Araújo, realizado na capela dos tios da noiva, em S. João do Estoril, no dia 28 de Abril último

Barros Pereira de Carvalho e D. Maria do Carmo Belmarço Pereira de Carvalho, Dr. Emílio Infante da Câmara e D. Maria da Nazareth Centeno Infante da Câmara, Dr. Ernesto de Lacerda e D. Maria de Lourdes Franco de Lacerda, Gama Lobo e D. Maria Luiza de Macedo da Gama Lobo, Dr. José de Barros (Alvelos), Pedro de Brion, Capitão-aviador Pinheiro Correia, D. Ana Pereira de Foyos e Freitas, D. Judite Benjamim Pinto, Dr. Guilherme de Barros (Alvelos), D. Ana de Barros de Moraes, Manuel de Barros (Alvelos) e D. Eugénia de Melo e Castro de Barros, Eurico de Carvalho Moraes e D. Maria Luiza Cardoso de Menezes de Moraes, Francisco de Castelo Branco Correia de Lacerda, D. Maria Antónia de Saldanha Marreca Franco, Jólío Nogueira Soares, Miguel Paiva de Andrade, Sebastião Nogueira Soares, Gastão Benjamim Pinto, D. António José e D. Fernando de Sousa e Faro de Lencastre, Fernando e Jorge Moraes Amado, Francisco José da Costa Felix, D. Alzira Andresen, D. Marieta Barros Pereira de Carvalho, D. Maria do Carmo da Câmara de Noronha (Paraty), D. Henrique e Hermano de Melo Breyner Cardoso de Menezes (Margaride), D. Maria Amélia e D. Isabel de Lencastre Freitas, D. Maria, D. Ida e D. Maria do Carmo Burnay de Paiva de Andrade, Jólío e Manuel Souto de Almeida Rainha, José Joaquim de Moraes, D. Maria Luiza de Lencastre Freitas, Carlos de Vasconcelos e Sá, etc., etc.

Os ilustres donos da casa e suas cunhadas foram incansáveis de amabilidade para com os seus hóspedes, que se retiraram gratíssimos com os deliciosos momentos que lhes proporcionaram.

## FESTAS DE CARIDADE

Acêrca das récitas de caridade por distintos amadores realizadas nas noites de terça e

Martins e do sr. António Alves Martins. Testemunharam o acto os pais dos noivos. Depois da cerimónia foi servido, em casa dos pais da noiva, um finíssimo lunch.

Na «corbeille» viam-se muitas e valiosas prendas.

— Realizou-se na paroquial igreja de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Etelvina de Sousa Belino, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Rosa Belino e do sr. Manuel Ribeiro Belino, já falecido, com o sr. João Lopes da



Grupo de assistência ao casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria Vicência Abelho Baptista de Barros com o sr. Manuel da Silva Martins, realizado em Estremoz, vendo-se no centro os noivos

## ESPARTILHOS E CINTAS



### "POMPADOUR"

OS MELHORES  
OS MAIS RESISTENTES  
E OS MAIS ELEGANTES

### "A POMPADOUR"

CASA DE ESPARTILHOS E CINTAS

28 — Chiado — 30



## GENTE DE TEATRO

## CRONICA DA SEMANA

## OPERA PORTUGUESA

## O FIM DO MUNDO



A graciosa actriz Elisa Santos, que brevemente reaparecerá no Teatro Apolo

## A COR DO SETIM

PARA restaurar a cor primitiva a qualquer setim já usado, basta lavá-lo em água quente com um pouco de borato de sódio. Esta operação só porém é eficaz se o setim for de boa qualidade e não perder a cor ou desbotar com a lavagem.

## D. SEBASTIÃO, REI DE PORTUGAL

por Antero de Figueiredo

D. Sebastião, o infortunado soberano português, perfil heroico de paladino e de guerreiro cujo sangue generoso os areais de Alcácer beberam mas cuja lembrança vive e perdura na alma portuguesa, deu ultimamente origem entre nós a toda uma literatura, sendo já numerosas as obras que estudam a figura desse monarca português. Entre elas é justo destacar a que o ilustre prosador Antero de Figueiredo escreveu com o título *D. Sebastião, Rei de Portugal*, uma das mais belas obras que a pena culta e elegantíssima do referido escritor lançou vai para quatro anos no mercado literário português. Esgotadas dentro de breve tempo as edições sucessivas que dessa obra formosíssima foram feitas, de há muito que se tornara raríssimo nas livrarias aparecer à venda um exemplar, sendo vendidos por alto preço aqueles que por acaso surgiam.

Para dar satisfação à procura sempre crescente que tem a apreciada e belíssima obra de Antero de Figueiredo, em breve surgirá no mercado a oitava edição de *D. SEBASTIÃO, REI DE PORTUGAL*, estando nós certos de que essa nova edição, lançada pela casa editora Aillaud e Bertrand se esgotará tão rapidamente como as suas antecessoras...

## VOGA

É uma publicação honesta. Está nisto a garantia do Salão da Elegancia Feminina & Artes Decorativas

ASSIM, pois, a dar crédito a saragoços de meia tijela, escassos dez dias nos restam de vida, leitoras minhas e minhas companheiras de desgraça!... Mão oculta e solerte, mão cujos designios astuciosos um dia serão desvendados, pôs a trágica balela a correr mundo e como neste, apesar das luzes do século em que vivemos, a Estupidez e a Credulidade andem sempre de mãos dadas, não faltaram milhares e milhares de almas que fundamente acreditaram na invencionice profética... A estas horas há por esse mundo fora uma interminável legião de espíritos perturbados, bons uns, detestáveis outros, que veem com terror aproximar-se a data calamitosa: 29 de Maio... Há negociante que estremece perante a perspectiva do pouco tempo que lhe resta para sangrar o lombo do comprador; agiota que olha, afogado em lágrimas de desespero, documentos de hipoteca, recibos empenhados e letras aceites cujo pagamento se poderia fazer apenas no dia 30... Por um dia só, quanto dinheirinho perdido!... Não poderia a catástrofe ter um adiamento propício que permitisse a entrada em cofre das somas a pagamento?...

E há também, a par destas almas vis — que prometem velas de cera e mantos bordados à Senhora da Fátima se ela conseguir de Seu martirizado Filho uma pequena moratória na liquidação das nossas vidas! — há, também, almas descrentes e almas semi-piedosas que se veem a contas com uma tremenda inquietação. Os incrédulos interrogam-se: «E se houver Deus e eu tiver de lhe dar contas?...» Os outros — os que acreditam um tanto nas palavras do Divino Mártir, esses misturam a sua crença com a superstição e encolhem-se de terror, suspeitos de que os saragoços de meia tijela tenham acertado com o trespasse completo e a data do Juízo Final... «E se acaso é verdade?» perguntam essas fingidas almas piedosas, com os olhos estorçados de pavor e um frio, um gelado suor a correr-lhes pela frente...

Ah meu Deus, meu Deus! bem se vê que a Superstição e a Estupidez são as maiores inimigas do verbo divino!... «A loucura governa o mundo», afirmou um dia Erasmo ao fazer o irónico elogio da tolice... Porque, seja-se crente ou ateu, ninguém possui licença para dizer ou acreditar asneiras... Os que não admitem a omnipotência de Deus, creem numa divindade imensamente restrita: a Sciência... E, nesse caso, porque motivo dar guarida a terrôres que, para eles, apenas a sciência pode basear? Se não há Deus, como acreditar em profecias se estas mais não seriam do que um segredo revelado por quem tudo pode? Ah meu Deus, meu Deus! como é absurdamente crédula a incredulidade!...

Mas, o mais tristemente curioso é o espectáculo moral que oferecem os que das crenças apenas possuem uma exigua e precária metade... Não tem faltado alminhas encharcadas no pecado que se deram pressa em ir desempoeirar rosários, quasi virgens de orações; outras que começaram a aprender o caminho da igreja matriz, misturando-se nesta com as almas que lá põem em dia as suas contas estreitas com Deus... Proíbe-lhes a Igreja, severissimamente, que deem crédito a adivinhos e superstições; que acreditem em profecias ou invencionices porque tudo isso rebaixa a humanidade à categoria das tribus africanas, ainda com a tanga a cingir-lhes os rins e os

feiteiros a baterem latas para afugentar malefícios... Mas, bem se importam essas almas com as admoestações e conselhos da fé! Polulam por essa Lisboa as orações — a mandar imediatamente a nove pessoas, senão temos desgraça nos lombos de quem não se der ao trabalho de fazer as nove copias e de a subscrição para nove parvos! — formigam por esses bairros as quiromantes, as videntes extra-lúcidas, as bruxas e mulheres de virtude, todas elas fazendo fortunas, estragando estômagos com bagatas e derrancando cérebros com tolarias imensamente risíveis... Para cúmulo temos agora, nesta idiotíssima Lisboa, a profecia do fim do mundo, definitiva e irrevogavelmente marcada para o dia 29... Mas como poderão ter o arrojo de se dizer crentes sinceros os que dão guarida a semelhantes misérias do espírito humano? Estes católicos e católicas de trazer por casa!...

Uma das leiteiras cá do bairro, — useira e vezeira em botar na bilha certo liquido de densidade igual à do leite — anda que parece desenterrada! Ela lá sabe as contas que teria de prestar a Deus se a coisa fosse verdadeira como ela suspeita!... Há seis ou oito dias que o homem do talho não rouba no contrapeso e, tanto assim que, hoje, na carne que me vendem só três quartas partes é que são osso e cêbo: o resto é carne e da boa, sim senhor! Uma santa criaturinha cá da rua, sempre metida pelas igrejas, com um terço nas unhas lutuosas e o olhinho maroto enviezado para cocar os vestidos e a cara de quem entra; linguinha de prata contra a reputação de solteiras e casadas, e inimiga feroz do senhor prior por ele a proibir de palrar na igreja — e até mesmo já a ter posto fora, por ela estar a ouvir curiosamente o que as penitentes diziam ao ralo do confessorário! — essa anda verde de terror, é certo... Mas, ao mesmo tempo, delirante de esperança: se vem aí o fim do mundo no dia marcado, que tremendo quinau no sr. Prior que já chamou palerma a quem acreditasse nas asneiras dos saragoços!...

Mas a nota exacta deste povo lisboeta deu-a agora mesmo o sr. Evaristo, bebedanas encartado da minha rua. As oito horas da manhã já ele ia em estado comatoso... E encardando, com os olhinhos piscos da bebedeira matinal, os fulvos clarões do sol nascente, dizia com uma convicção imensa, tremenda, inabalável:

— Acabar o mundo!... Pois não acabaste!... Era o que faltava, havendo tanto casco de vinho novo ainda por abrir!...

ROSA TIRANA.

## SENTIMENTALISMO...

BARNABÉ, de quem não se conhece a idade, nem os apelidos, nem a situação social, é apesar disso um homem extremamente popular. Colaborador infatigável de todos os almanaques, figura em todos os jornais humorísticos e, por vezes, serve para amenizar as mais eruditas dissertações e para provocar um sorriso nas pessoas mais sisudas.

Há uma qualidade que seria injustiça negar-lhe:

Barnabé, possui bom coração. Outro dia, quando entrava em sua casa, deu com um cego, que era seu vizinho, tateando a porta da rua.

— Pobre homem — murmurou ele — Aqui tem para subir a escada.

E depoz-lhe nas mãos, contristado, uma caixa de fosforos de cera...



M.ª Fernanda Trigo de Brito, soprano lírico, que com tanto êxito se estreou no Coliseu dos Recreios

## FALAM AS PIRAMIDES...

HÁ alguns meses, em Inglaterra, «sir» Basil Stessari, pronunciou, perante um auditório, tão numeroso como escolhido, uma conferência sobre as profecias da Grande Pirâmide do Egito.

O conferencista, afirmou que a próxima grande guerra começaria em 28 de Maio de 1928 para terminar em 16 de Setembro de 1936. Segundo, a pirâmide, essa catástrofe terá várias companheiras dignas dela: abalos sísmicos, tempestades furiosas e inundações.

A guerra terminaria pela vitória da nação britânica e dos seus países aliados, sobre a Rússia, a qual ficaria implacavelmente esmagada. Quasi podemos afirmar que a profecia da pirâmide, no que respeita à data, não se cumpre.

A vitória da Inglaterra que consta da profecia faz-nos pensar que acontece com as pirâmides do Egito o mesmo que com os homens de fraco ânimo: — curvam-se à vontade do mais forte.

Pelo que é legítimo considerar-se a profecia da Grande Pirâmide — grandemente piramidal...

## OS CABELOS CURTOS

TEM-SE notado a preferência sistemática com que os jurís dos concursos de beleza premeiam as candidatas que usam cabelos compridos. Na América, miss Hedy, e na França, mademoiselle Allain, obtiveram, devido às suas longas cabeleiras, os primeiros prémios.

Estes factos tem causado, entre os partidários dos cabelos curtos, grandes apreensões. Além disso, as americanas começaram a reagir contra a cabeleira scintética, passando a usar os cabelos quasi curtos em substituição dos cabelos curtos.

Conseguirá essa reacção vencer?

Embora entendamos deixar esta interrogação em suspenso, não deixaremos de afirmar que os cabelos curtos se estão tornando longos — de assuato...

## VOGA

Não procura ganhar dinheiro. Procura ser útil com o Salão da Elegancia Feminina & Artes Decorativas

## A ULTIMA TEMPORADA LIRICA EM LISBOA

## ALGUMAS DAS PRINCIPAIS FIGURAS



Edmondo Grandini  
Baritono



Maria Valverde  
Meio-soprano



Emma Lattuada  
Soprano



Dino Borgioli  
Tenor ligeiro

Nenhum toucador de mulher moderna poderá dispensar os *Productos de Beleza* que Voga vai apresentar em breve Ayuntamiento de Madrid



PARA nós Paris é o expoente de dois imperialismos — o imperialismo da Arte e o imperialismo da Moda.

As «receitas» literárias e as «receitas» de pintura veem de lá.

Também de lá veem as «receitas» de vestir e as «receitas» de cosinha, a que dão o nome curto e sibilante de «menú».

Artistas e mulheres do mundo inteiro fitam em Paris os seus olhos deslumbrados. Paris é a rainha da Arte e da Moda.

Vestir bem, dizem, é vestir como uma parisiense. Contam-se por milhares as casas de modas na grande Cidade Luz.

O Louvre é só por si uma grande cidade, quasi um país — o País do Luxo.

Este Imperialismo da Moda Parisiense não tem um imperador. Este Paris não tem um Napoleão, tem vários «Napoleões» — os Poirets, as Paquins, etc.

Eles teem nas suas mãos, na ponta dos seus lápis de artistas, nos gumes afiados das suas tesouras, o destino de milhões de mulheres, o destino de biliões de vestidos.

Há muito mais mulheres que homens; cada mulher tem anualmente uma ou duas dezenas de vestidos. Isto é uma progressão assustadora — assustadora principalmente para os maridos. Tanta mulher dependente dos angustios imperadores da Moda!!!

Dêles depende a saia mais ou menos curta, o decote mais ou menos aberto, os braços mais ou menos tapados. Dêles depende o tamanho dos cabelos e o tamanho dos tacões dos sapatos.

Dêles depende quasi que a propria moral — aquela moral que nos manda descer as saias, subir o decote e alongar as mangas.

Adeus «vianesas», adeus «tricanas», adeus «ovarinas» e «algarvias» com seus lindos trajes característicos. Adeus «alentejanas» e «transmontanas» com os seus «costumes» tristes mas bem nossos, bem lindos.

A invasão francesa assolou tudo. Nada de Junot, nem Soult, nem Massena. Nada de violências, de sabres, de canhões.

Paquin sorriu, Poiret falou. Ambos atenciosos, ambos measureiros, cheios de «as ordens de V. Ex.ª». Como eles muitos outros.

E Paris venceu assim o mundo inteiro, venceu-o pela Moda.

Resignemo-nos. Mas esta resignação não pode nunca significar que se deixe de achar belos, característicos, de excelente bom-gosto decorativo os nossos trajes regionais — cheios duma beleza tão pura, tão sábia, tão sábiamente achada como os que o são pelo lápis dos grandes artistas.

E agora, que tratámos desta justa e sempre oportuna homenagem patriótica, falemos dos tiranos imperadores de Paris e dos seus ditames.

Nestas estações de transição o tempo mantém-se inconstante e incerto, tendo dias dum calor forte e em seguida frios rápidos e, — o que é pior — aterradoramente doentios. Assim, nestas épocas mais que em nenhuma outras, é oportuno usar-se casacos, não os casacos pesados e cheios de peliças, mas sim casacos leves e que, num entanto, nos perservam dos abaixamentos bruscos da temperatura.

Debaixo d'esses casacos começam então a

# AS MODAS EM VOGA

A TIRANIA DA MODA DE PARIS E O TRAJE REGIONAL

LINDOS MODELOS DE BLUSAS PARA AS NOSSAS LEITORAS



TRAJOS ELEGANTES, FRESCOS, ATRAENTES E BARATOS

BLUSAS PRÁTICAS E DE FÁCIL CONFECÇÃO

OS VARIADÍSSIMOS TECIDOS A EMPREGAR NA CONFECÇÃO DAS MODERNAS SAIAS E BLUSAS

A SIMPLICIDADE DOS ORNATOS A UTILIZAR

usar-se, — o que no verão servirá para termas e praias — as graciosas blusas e as elegantes saias, plissadas ou pregueadas.

Informam-nos de Paris que este ano se acentuou ainda mais nestas blusas a utilização de tecidos de ornamentação miudinha e policromica.

Estas blusas teem a qualidade de ser extremamente práticas e fáceis de fazer. Com a mesma saia se pode variar infinitamente de «toilette», pois basta mudar de blusas.

O vento sopra nas ruas e nas estradas. Aí o casaco defende-nos dessa agressão.

Porém, logo que se chegue ao sitio desejado, à reunião em casa de pessoa amiga ou a outro ponto onde se deseje passar uns momentos, então o calor aperta. Tira-se o casaco e fica-se com um traje que, se não tem a ostentação do grande luxo é, no entanto, elegante, fresco, atraente.

Eu adoro estas blusas que se fazem com um bocado exíguo de tecido, com pouca despesa nos proprios enfeites. Umas nervuras, uma gola, umas aplicações das cores e basta.

Damos hoje, com muito prazer, às nossas leitoras, nada menos de dez modelos, todos eles seleccionados com esmero.

Facilmente as nossas leitoras aprendem pelos sugestivos desenhos que publicamos a confecção dessas blusas e dessas saias, tornando desnecessaria a publicação dum descritivo extenso e inútil.

Crêpe da China, crêpe de lã, setim, crêpe setim, e até popeline, podem ser utilizados à vontade, numas e noutras.

Os modelos que publicamos são o que melhor e mais moderno se criou no género.

E até para a semana, leitora gentil, que de certo vai utilizar um dos presentes modelos, não é assim? Se eles são tão belos...

MADemoiselle X.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

## MÚSICAS

OFERECIDAS pela gentileza dos seus autores temos sobre a nossa mesa de trabalho quatro das mais aplaudidas novidades musicais.

Cruz e Sousa, o popular autor de *Charlestons*, envia-nos o «Beijo de Amor», criação da Orquestra Sul-Americana, e a segunda edição do «Pretty Doll», com tanto êxito criada pela orquestra espanhola «Los Axejos» e por Mari Laura.

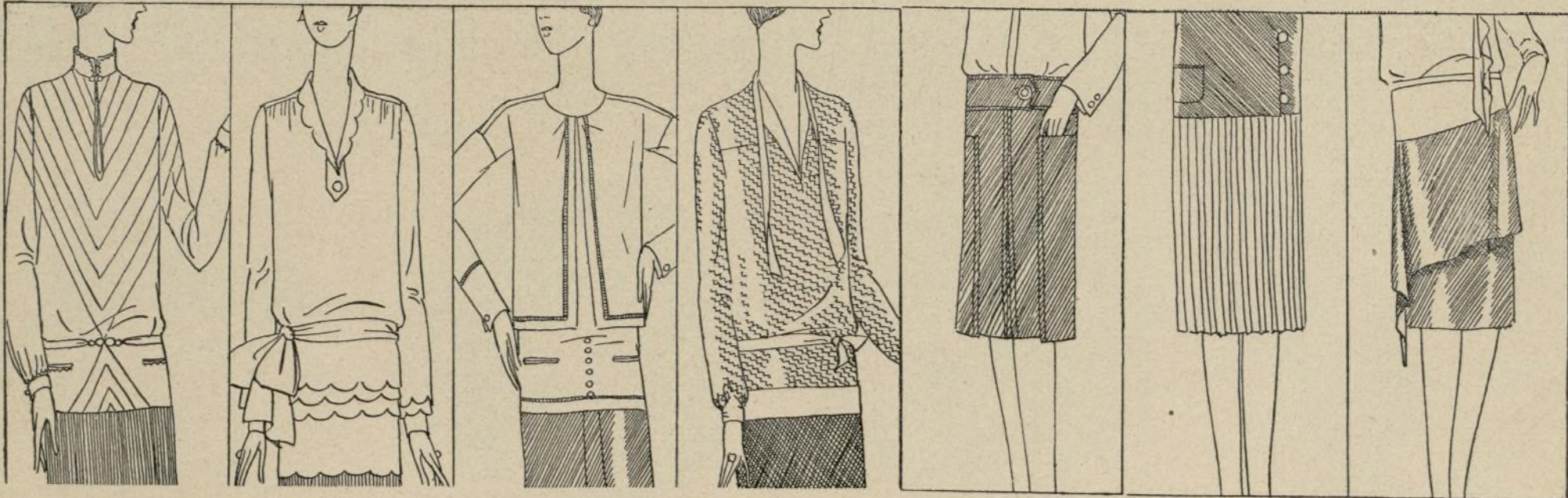
José Belchior Junior envia-nos um «Tango triste», a que chamou enternecidamente «Criança», e que foi criado pela orquestra Rivoli.

Nicolino Milano, o querido e aplaudido chefe de orquestra do «Tivoli», também nos oferece a sua alegre e feliz canção brasileira intitulada «Seu Pipócas!», com versos humorísticos do proprio autor.

A edição desta última é do «Repertório Ecomómico» da Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais Portugueses.

Composições de grande relêvo popular, teem a sua critica feita pelo agrado geral com que foram acolhidas ao serem executadas, agrado que levou os seus autores a publicá-las para que todos os pianos de Portugal possam ritmar os seus acordes.

A Voga agradece a gentil oferta.



MALAS E BASTOS SILVA, L.<sup>DA</sup>  
CARTEIRAS ALTA NOVIDADE  
Rua de S. Nicolau, 81

VOGA, APRESENTARÁ EM BREVE OS SEUS PRODUCTOS DE BELEZA

Ayuntamiento de Madrid



## CADY NUM CHÁ

DESENHO E PROSA DE «CADY»

CARTA  
DE  
PARIS

Minha querida:

S EXTA-FEIRA última que enorme afluência ao Grand Palais!... Verdade seja que todos os anos o caso assume fôros de importante acontecimento...

Tôdas as allas personalidades parisienses, tudo quanto Paris conta de mais notável, sobretudo na pintura, escultura e gravura, dêra-se ali ponto de reunião e viam-se lá tôdas as figuras conhecidas da arte, da política, da finança e das letras.

Se tu tivesses podido vêr os belos conjuntos obtidos, os tons escolhidos, os assuntos notáveis que eu lá vi! Festa feminina, festa de mulheres com iluminação sóbria e harmoniosa, cenas de interior, paisagens luminosas e profundas...

Mas, se as paredes estavam bem guarnecidas, que dizer das salas? Que luxo e que elegância! Lembra-me, porém, de que, em tempos idos, mandávamos fazer especialmente vestidos de primavera para este salão. Este ano, porém, vi inúmeros vestidos corte de alfaiate. Os conjuntos também apareceram em grande quantidade e as novidades foram aceites sem discrepância.

Um lindo tailleur em tecido azul escuro, raído de branco e acompanhado por uma blusa camisetada em tecido azul porcelana, era dum efeito lindíssimo.

O calçado de desporto era também escolhido a capricho. Em bege claro, em cabrito muito fino realçado por listas de lagarto perlado.

Outro calçado todo em pele de serpente, ou gámo bordado a verniz, servia para condizer com os chapéus de feltro realçado a palha brilhante.

Eis duas novidades da estação:

Uma saia clara, modelo portefeuille, com grinalhas, leve abertura. Casaco muito curto, cruzado, em tom de azul de França.

Botões de corozzo, revest habitual, flor na botocira: eis o mais lindo conjunto do mundo pelo que respeita a um modelo trotteur.

Cécile Willy apresenta-nos um vestido adorável em lã, todo direito. Saia em tecido estampado, preto e branco, bem como os recortes no corpo do vestido. O talhe é subido e sublinhado por duas bandas de tecido preto abotoado.

E este último que tomo a liberdade de te recomendar como vestido de safr.

Até à próxima semana e, entretanto, afectuosas lembranças da tua tia

NUELMA.

É aquêlo o único chá a que eu gosto de ir. Talvez porque não é chá o que se toma, mas sim aquilo que nos agrada. O salãozinho é mais que bonito, e a dona da casa bastante minha amiga para não se ofender se eu constatar que ultrapassou os limites do «chic» para atingir o estilo «cauchemar».

Na semana passada tive ocasião de ouvir falar ali uma senhora muito nova e gentil sobre o seu próprio divórcio. Preguntavam-lhe porque não exigia do ex-consorte — e com muita sorte — uma mesada a que tinha todo o direito. E ela respondeu suavemente:

— Não preciso do dinheiro dêsse homem para nada. Podia ser meu? Dou-lho em compensação da perda que lhe causei divorciando-me. Tanto mais que êle desejará decerto casar-se para me esquecer. Pelo contrário, eu quero conservar dêle a mais viva das lembranças... Vou comprar um burro.

Riso alvar e amarelo da assistência masculina. O sexo fraco fez um barulho extraordinariamente forte.

Haviam-me apresentado um senhor X que me monopolizou «incontinenti»:

— V. Ex.<sup>a</sup> — é estupenda a clareza com que êste senhor X pronuncia «vossa excelência»... Está um dia muitíssimo bonito...

Pareceu-me inconsistente a frase, mas a conversação dentro em pouco animava-se e, de escalada em escalada, chegámos à literatura. Abrimos então a «larga rima das nossas asas». Larga é exagêro. O pobre homem tem uns braços tão curtos!

— Eu gosto de cantar a primavera, a luz, a vida... — disse eu em voz clássica.

— O sol, a sombra, — acrescentou êle inspiado.

— Isso é uma praça de touros!

— Não é, não... Olhe: por touros lembrei-me de espanhois e por espanhois recordei-me de uma senhora do meu conhecimento que tendo uma grande ambição de falar castelhano, chamava ao marido «el meu hombre». A graça está em que ela o não dizia por graça...

— Realmente!...

— Esta mesma senhora tinha uma formosa amiga a quem faltavam palavras para exprimir o que sentia quando se entusiasmava; assim eu próprio a ouvi dizer estas frases: não gosto de ti nenhum. De ingratos está o mundo inteiro... A constipação faz constipados... E outras...

— Interessante...

— Essa senhora tinha uma criada, com pretensões a literata, que tendo ido vêr aquela peça intitulada «Jerusalém», a foram encontrar na manhã seguinte declamando na cozinha ante uma selecta assistência de caçarolas. Eram efeitos do «Jesus-alem» disse ela...

Só então concebi que a história de «A Rã saltadora do condado de Calaveras», de Mark Twain, tivesse sido verdadeira. Mas ainda não era o fim:

— Essa criada tinha uma tia, senhora de mui graciosa convivência, cujo pior insulto — e tinha um vocabulário famoso — se resumia na palavra: alpendre.

— Oh!...

— Disseram-me que ia publicar um livro, minha senhora. E, chamar-se-há?

Aquilo era abusar. Então eu, a «jornalista»,

consentia que «usurpassem as minhas funções? Respondi, pois, pensando vingar-me:

— «O desenvolvimento das indústrias europeias no Oriente».

Naquêlo momento culminante — eu sentia ameaças de uma síncope cardíaca — vieram buscá-lo para ajudar a resolver uma charada ou coisa semelhante. Parece-me que se tratava de um quadro de Teles Machado.

Restabeleci-me da crise quando gentilmente uma menina muito em voga me disse:

— Tem uma «toilette» linda...

— Acha?

— Linda e original.

— Oh! original então...

— E quem lha fez?...

— Moi-même, respondi.

— Ah! E onde mora essa modista? perguntou um côro de vozes femininas.

Não tive tempo de desmaiá sobre esta catastrofe, pois já o senhor X se aproximava pressuroso:

— Dizia-me que o seu livro se chamava:

— «A campanha anti-semita em França no ano de 1880».

— ...

Sacou de um «block-notes» e interrogando-me desconfiado preparou-se para escrever:

— Tenha a bondade de repetir, sim?...



— O meu livro deverá chamar-se «Estudo de Antropologia Criminal».

— !!! Como!!!

— «As raças levantinas e o bucolismo de Lord Byron»!

«Rideau».

## RUTH ELDER

VAE SER PROTAGONISTA DUM FILME



RUTH Elder, desde a sua temerária e malograda travessia aérea do Atlântico, não deixou de ser discutida, e até malsinada.

Houve quem mentisse para a incensar, chegando a olvidar-se, propositadamente, seu companheiro da travessia, o aviador Haldeman; não faltou também quem promovesse devassa à sua vida íntima, proclamando certos pecadilhos insuficientemente provados, esquecendo-se, porém, tais detractores de que o sol, apesar das suas manchas, possui um brilho intenso e eterno...

Ruth Elder tem saído triunfante destes inevitáveis precalços de celebridade, como o prova um contracto que acaba de assinar com uma empresa cinematográfica. Ruth Elder recebeu, para tomar parte num único filme, um número impressionante de milhões de dollars.

Diz-se que nesse filme a célebre aviadora executará temerárias proezas, provando assim que sabe desafiar a morte só para manter integra, entre os vivos, a admiração que a sua corajosa proeza aérea provocou.

A aviadora não ficará prejudicada pela actriz de cinema? Eis uma interrogação que ficará em suspenso, durante alguns meses. Findo êsse prazo, poderemos, ao certo negar ou afirmar, se a sua temeridade é fotogénica. Ruth



(Modêlo a que se refere a nossa Carta de Paris)

## CURIOSIDADES

A VOZ QUE VEM DO CÉU...

UM empregado bancário de Buda-Pest pôz-se em fuga, depois de ter roubado 400 libras, indo ocultar-se numa estalagem rural, onde se julgou ao abrigo de toda a perseguição.

O dono da estalagem possuía, sem que o gatuino o soubesse, um posto de telegrafia sem fios. E uma noite em que ele digería, sem remorsos, um jantar excelente, o «haut-parleur» deu várias notícias da capital e, entre elas, a descrição exacta do empregado infiel que a polícia procurava.

O ladrão ao ouvir esta voz misteriosa que pormenorizava os seus sinais físicos, foi atacado duma tal angústia que hesitou toda a noite entre o suicídio e o medo, acabando por se entregar à polícia.

O SOL E OS ARANHA-CEUS

UMA observação assás curiosa acaba de ser feita pelos arquitetos americanos: os habitantes dos andares superiores dos arranha-céus de Nova York aproveitam, diariamente, uma hora suplementar de sol.

Logo que êste desaparece, por detraz das altas colinas situadas a oeste do rio Hudson, uma sombra opaca recorta-se sobre a fachada dos prédios voltados para o poente. Esta sombra eleva-se com a velocidade de 15 centímetros por segundo.

Num arranha-céus como o Wollnorth, que tem 238 metros de altura, a sombra leva perto de 28 minutos a atingir o último andar, e o sol ilumina-a ainda durante mais de meia hora. Os moradores dêsse andar ganham, assim, mais uma hora de luz solar do que os outros.

— Suas filhas não gostam de ler?

— Quere que tomem gôsto pela boa leitura?

— Dê-lhes o

MAGAZINE  
BERTRAND

Elder, a dois mil metros desafiou a morte — e venceu. Conseguirá ela desafiar a reputação das vedetas de cinema — e igualmente vencer?

Oxalá que êle não encontre em Hollywood o seu Waterloo...

OS PRODUCTOS DE BELEZA APRESENTADOS POR VOGA SÃO OS MELHORES E MAIS EFICAZES

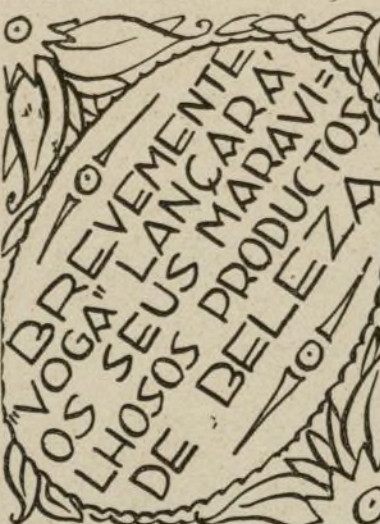
Ayuntamiento de Madrid



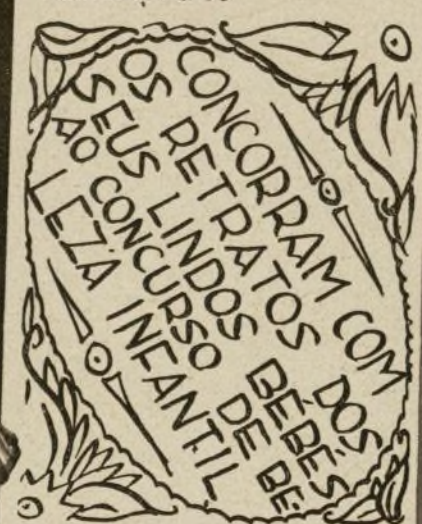


Cloche em palha, azul marinho e branco, enfeitado com penas (Maryvonne) Foto Henri Manuel

Vestido de baile em tafetá rosa vivo (Alice Bernard) Foto G.L. Manuel Frères



Vestido de baile feito em filas, em gradações rosa, amarelo e verde, (Alice Bernard) Foto G.L. Manuel Frères



Toque em palha e feltro preto, motivo em galalite (Maryvonne) Foto Henri Manuel



"Deshabillé" em seda azul, resarrecido de nervuras (r) Foto G.L. Manuel Frères



Vestido em escocês, azul e "beige", (Gai Martin) Foto G.L. Manuel Frères



Vestido de baile em tafetá azul per-vinca flor azul e rosa (Charlotte) Foto G.L. Manuel Frères



"Deshabillé" em selim rosa e aplica-ções (Beer) Foto G.L. Manuel Frères



Casaco e vestido em crepe da China azul marinho, guarnecidos de "lresses" brancas. (Philipp e Gaston) Foto G.L. Manuel Frères



Casaco em crepe da China preto; vestido em crepe da China estampado, em fundo "gris perle" (Caroline) Foto Henri Manuel



Pijama em crepe azul e penteador em musselina, estampada em azul e rosa (Beer) Foto G.L. Manuel Frères



Vestido em malha de lã branca "Jersey" e debrum em creme e "bois de rose" Foto G.L. Manuel Frères



Casaco e vestido em crepe da China azul, inteiramente guarnecido de pequenos galões do mesmo tom. (Philipp e Gaston) Foto G.L. Manuel Frères



## HISTÓRIAS PARA GENTE MIÚDA

## O PATINHO DE PENAS DE OURO



ERA duma vez três irmãos; o mais novo deles era constantemente maltratado pela família toda, a qual lhe chamava o João Pateta porque, segundo diziam os pais e os irmãos, era muito estúpido.

Certo dia o pai mandou o filho mais velho à floresta próxima cortar lenha. A mãe, deu-lhe um riquíssimo pastelão de carne e uma garrafa de vinho para ele se regalar lá na floresta. O rapaz poz-se a caminho e, ao chegar ao bosque encontrou um anão que lhe disse:

— Ai meu rico menino, dê-me alguma coisa para comer! Estou cheio de fome: dê-me um bocadinho do seu pastelão e um gôlo do seu vinho!

Mas o rapaz, que era muito soberbo, disse



logo que não dava mesmo nada e que aquilo que levava no bernal ainda era pouco para ele. O anão calou-se... Mas, o rapaz, quando começou a cortar lenha cortou-se logo e teve que ir para casa.

Então o pai mandou o filho do meio à floresta para rachar lenha e trazê-la para casa. A mãe deu-lhe também um pastelão de carne e uma garrafinha de vinho. O rapazito dirigiu-se para o bosque e no caminho saiu-lhe ao encontro o anão:

— Ai meu lindo menino: dê-me alguma coisa de comer! Estou cheio de fome! Dê-me um bocadinho do seu pastelão e um gôlo do seu vinho!...

Mas o rapaz, que também era muito soberbo, disse logo que não dava nada porque ainda era pouco para ele o que ali levava no bernal... Vai daí, quando começou a rachar lenha, feriu-se muito numa das mãos e teve de voltar logo para casa.

Já os meus meninos perceberam que tudo aquilo era porque os rapazes eram muito soberbos e o anão fizera com que eles se fizessem...

Então Joãozinho pediu que o deixassem ir à floresta buscar lenha porque estava com muita pena de ver os pais sem gravetos para o lume. É claro que os irmãos não tinham contado nada do que se passara com o anão... E o pai, embora considerasse muito estúpido o Joãozinho, mandou-lhe que fosse rachar lenha ao bosque. Vai daí a mãe disse ao Joãozinho que esperasse porque lhe ia arranjar uma merenda. Mas, em vez dum belo pastelão de carne e duma garrafinha de vinho, deu-lhe só pão duro e cerveja azeda.

Joãozinho pegou na merenda, pôs às costas o machado e dirigiu-se para o bosque. Quando chegou lá apareceu-lhe um anão — era o mesmo que aparecera aos irmãos, é claro! — e o qual lhe disse:

— Ai meu rico menino! dê-me alguma coisa de comer! Estou mortinho de fome: dê-me um bocadinho do seu pão e um gôlo da sua cerveja!

Joãozinho ficou cheio de pena ao ouvir o

anão dizer que tinha fome e abriu logo o bernal para lhe dar o que ele pedia. Mas, de repente, lembrou-se de que não era bom o que ali levava e, como era muito bom rapazinho, apesar de os pais lhe chamarem estúpido como uma porta, disse logo para o anão:

— O tiosinho: eu dou-lhe, da melhor vontade, de tudo quanto aqui levo. Mas devo avisá-lo de que o pão é duro e a cerveja está azeda!...

— Qual pão duro nem qual cerveja azeda! O que o meu menino leva agora aí é um rico pastelão de carne e uma garrafinha de vinho! Ora prove lá e diga-me se não é verdade!

Joãozinho abriu o bernal e, efectivamente, encontrou dentro um pastelão de carne que cheirava que era um consolo, e uma garrafinha de delicioso vinho. Ficou espantado porque ele



bem vira, quer em casa, quer pelo caminho, o que a mãe lhe metêra no bernal... E muito triste — porque era incapaz de mentir, e o anão podia ficar julgando que ele o quizera enganar — disse:

— O tiosinho: como isto foi não sei!... Mas o que lhe posso garantir é que, lá em casa, só me deram pão duro e cerveja azeda! Olhe que eu não o estou a enganar!

— Isso sei eu, meu rico menino! Vamos lá a tasquinhar um bocadinho da merenda e a beber uma pinga!...

Comeram os dois regaladamente, e assim que acabaram, Joãozinho disse ao anão que tinha de ir rachar lenha porque o pai não tinha gravetos para o lume. Então o homenzinho mostrou-lhe uma árvore e disse-lhe como a havia de botar abaixo. Depois foi-se embora e Joãozinho, ao deitar abaixo a árvore, encontrou



dentro dela um patinho muito lindo cujas penas eram todas de ouro.

Joãozinho agarrou no pato de penas de ouro e foi dormir numa estalagem.

No dia seguinte foram à aldeia as filhas do senhor daquelas terras. Eram três irmãs e queriam arranjar plumas para o toucado. Uma delas viu um patinho e quis-lhe tirar uma das penas. Mas, apenas tinha tocado no patinho, ficou com a mão presa nas penas e não houve maneira, por mais esforços que fizesse, de se soltar. Veiu outra irmã e, mal tinha tocado no cinto da primeira ficou com a mão presa a ela. Depois veio a terceira irmã, começou a puxar pelos aitchos do avental da segunda e ficou lá presa também.

Nisto Joãozinho safou do quarto com o patinho de ouro debaixo do braço e pôs-se a andar pela aldeia fora sem ver que, para onde ele ia, iam também o outro patinho e as três irmãs agarradas umas às outras. No meio do campo encontraram Joãozinho o sr. Abade, o qual se chegou a uma das meninas para lhe falar. Mas, ainda ele não lhe tinha tocado na cabecita da menina e já estava também preso às três irmãs e ao patinho. O sacristão, que vinha um pouco atrás, ao ver o sr. Abade ir atrás de Joãozinho, do pato de penas de ouro, do outro pato e das três irmãs, ficou muito espantado e procurou puxar o padre para traz. Mas ainda ele não tinha tocado na batina do sr. Abade ficou logo preso também e teve de ir atrás de Joãozinho, do patinho de penas de ouro, do outro patinho, das três irmãs e do senhor prior. Dois trabalhadores do campo, que quizeram livrar o padre daquela entalada, ficaram também presos, e dentro em pouco Joãozinho levava atrás de si uma verdadeira procissão.

Joãozinho, que não dera por coisa nenhuma,



foi andando, andando com o patinho de ouro debaixo do braço e, atrás dele o outro patinho, as três irmãs, o senhor Abade, o sacristão, os dois camponeses e um rôr de gente, todos em fila, presos uns aos outros. Dentro em pouco Joãozinho chegava a uma grande vila.

Acontecia, porém, que a filha do Rei daquela cidade, era uma lindíssima menina que andava sempre muito triste, não havendo coisa nenhuma no mundo que fosse capaz de a fazer rir. O pai da formosa menina tinha um grande desgosto com a tristeza da filha, e já gastara um dinheirão, com médicos e mais médicos, para vê-la a curar. Mas, até ali, não conseguira coisa nenhuma, e a lindíssima princesa cada vez andava mais triste. Então o Rei mandara anunciar por toda a parte que daria a filha em casamento a quem fosse capaz de a fazer rir. Vieram príncipes de toda a parte, vieram bôcos, vieram actores, veio tudo, e aconteceu que, embora eles fizessem coisas engraçadas, que faziam rir toda a gente a bandeiras despregadas, a Princesa não havia maneira de rir: continuava tristíssima e nem sombra dum risinho lhe fazia luzir os olhos lindos e abrir a vermelha e formosa boquilha...

Mas, nisto entrou na cidade Joãozinho... E a Princesa, mal viu o Joãozinho com aquela enorme procissão atrás dele — o patinho a grasnar, as meninas agarradas às saias umas das outras, o senhor abade a puxar pela menina que ia adiante dele, o sacristão a puxar pelo sr. Abade, um aldeão a puxar pelo sacristão, o outro aldeão a puxar pelo companheiro e muito mais gente, homens, mulheres, velhos e crianças, todos a puxarem uns pelos outros muito aflitos da sua vida, — desatou a rir, a rir, a rir, muito consolada e satisfeita da sua vida, e ficou curada para sempre da sua tristeza.

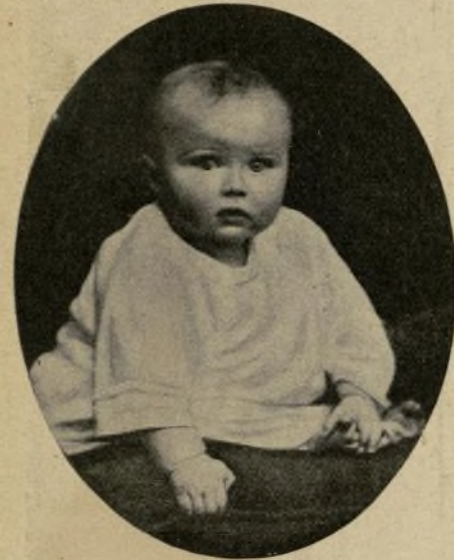
Então o Rei, contentíssimo por ver a sua formosa filhinha completamente curada, chamou Joãozinho e disse-lhe que lhe dava a Princesa em casamento.

Joãozinho e a Princesa casaram nêsse mesmo

## O ENCANTO DAS COISAS BANAIS

Minha querida Eugénia:

As coisas banais na vida são as mais importantes. E como as vemos a cada momento, freqüentemente nos esquecemos de as observar, de as admirar. O ar é incontestavelmente mais necessário à vida do que o ouro ou as safiras, e nós não lhe ligamos importância. Aquêles que, se nos faltasse por momentos causaria não só a morte imediata de toda a humanidade como produziria transtornos cósmicos de extensão incalculável, merecem menos interesse do que o ouro e as safiras com que nos adornamos. A água, sem a qual não poderíamos viver, por abundante e banal, é in-



finitamente mais barata do que o vinho que tantos prejuízos tem trazido aos homens.

Eu surpreendo-me, às vezes, querida amiga, a contemplar coisas que por muito vistas não merecem a atenção da maioria dos mortais. E fico admirada de há mais tempo não ter feito certas descobertas que andam, afinal, constantemente sob os meus olhos.

Eu descobri há dias, boa Eugénia, o encanto dos bebés. Ora eu já tinha visto muitas crianças de meses mas nunca havia feito a sua descoberta. Foi para mim o caso do ovo de Colombo.

Visitei há dias uma amiga que tem uma criança de meses — três, ou pouco mais. Mostrou-me com o seu entusiasmo de mãe. Para as mães os filhos são sempre bonitos, por mais feiosinhos que de facto sejam. Olhei a criança com ternura, uma ternura polida, delicada, amável, como convinha naquêles transe a uma pessoa educada. Proferi os elogios habituais:

lindo, encantador, muito gordo, muito simpático. Mas confesso-te, Eugénia, que não senti nenhum dos elogios que disse, não me nasceram do coração.

Por curiosidade peguei na criança ao colo. É um menino. Sorriu-me. Aquêles sorrisos são como um raio de sol que incidindo sobre um bloco de gelo o fundisse. Uma branda ternura invadiu-me a alma e aqueceu-me. Que misterioso fluido haveria naquêles sorrisos para assim me penetrar e enternecer? Instintivamente, apertei o bebé contra o peito, estremecidamente, com amor, como se fosse meu filho, como se fosse uma pessoa de família que eu conhecesse há muitos anos.

Depois sentei-o nos meus joelhos e pus-me a contemplá-lo. Era formoso, daquela feia formosura tão característica nas crianças de leite. O narizito um pouco achatado era de uma simpática petulância; a boca, abrindo-se num sorriso, mostrava a língua e as gengivas muito rosadas. E aquela ausência absoluta de dentes, que transforma os adultos em monstros, no pequenino Cecílio parecia-me adorável.

Tem os olhos cinzentos, de um cinzento scintilante onde flutua uma candura, uma sorridente ignorância da vida que nos arrebatava e encanta.

Estende-nos os bracitos gordos, roliços; e nas suas mãos pequeninas, papudas, cheias de covinhas formadas pela gordura, os dedos teem uma estranha mobilidade, como que a querer deter qualquer coisa que lhe seja muito cara.

Quando o ergui no ar, exultou. A tendência humana para voar começa a notar-se logo na primeira idade. Desprender-se do solo, elevar-se às alturas é o supremo ideal da humanidade. Lá no alto dos meus braços Cecílio riui pleno de prazer, agitou os pesitos que se escondiam nas meias de lã e soltou uma gargalhada, uma risadinha nervosa e trémula como o gorgoejo de uma ave.

Depois, como voltasse a pousá-lo nos meus joelhos, saído das alturas, fez beicinho e chorou. Teve uma crise de desespero, lançou as mãos à toca e quis arrancá-la num arremesso; rasgou as rendas — tinha uma birra. E eu considerei, então, querida amiga, que as birras são nas crianças a caricatura das iras e dos despeitos das pessoas crescidas.

Contemplando-o, pensei que aquêles róseos blocos de carne tenra e rosada, cujos apetites e caprichos não passam de um vago balbuciar, poder-se-á ser daqui a vinte anos um sábio, um cretino vulgar ou um santo. E achei tudo tão estranho, tão misterioso, querida Eugénia, que mais me convenci de que é nas coisas banais da vida — como um simples bebé — que residem os problemas mais complicados.

Tua amiga

GRAZIELA.

## TECIDOS CHICS

para vestidos e casacos de de senhora

Enorme colecção de padrões da ultima moda, recebidos directamente de Londres, Paris, Lyon e da Suíça

Grande variedade em fantasias em lã e em seda, com que abriu a estação de verão

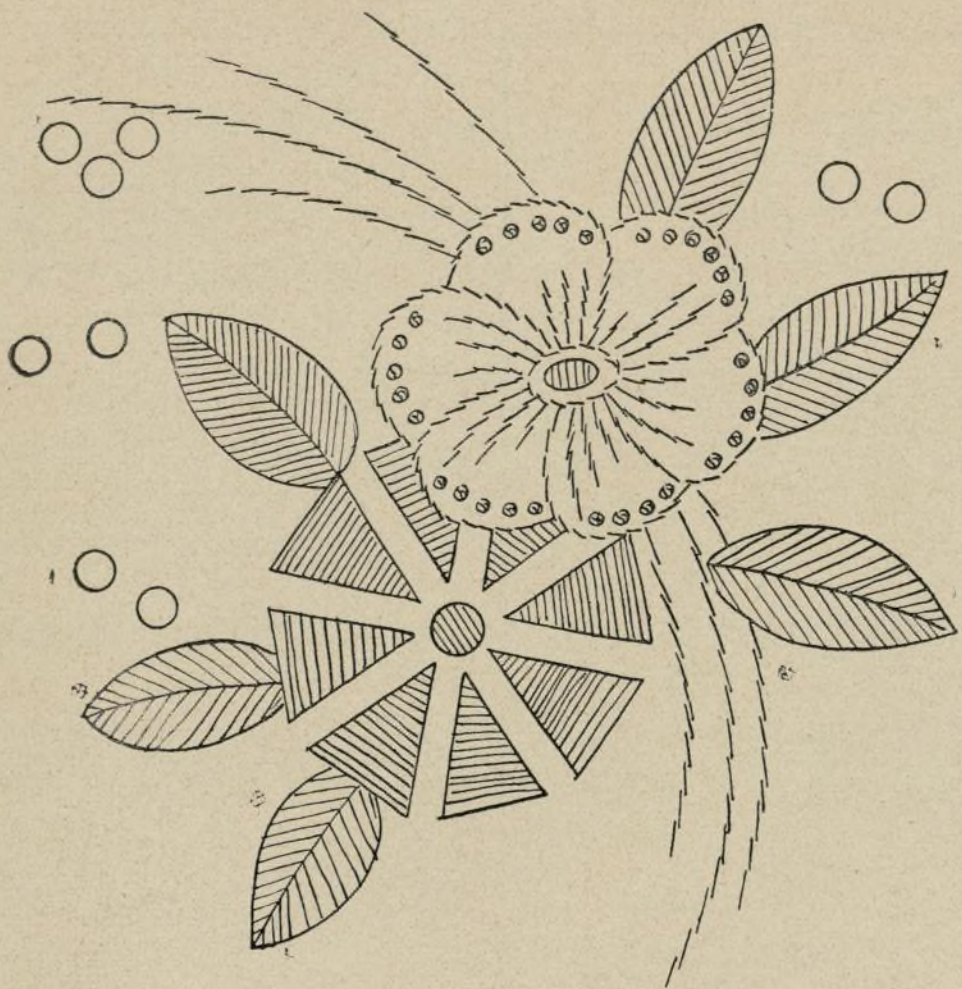
a GALERIA DA MODA

(Antiga casa PERAL, L.DA)

Rua da Prata, 82 a 86

TEL. C. 77





## VESTIDOS DE PRIMAVERA E DE VERÃO BORDADOS A LÂS

O inverno, este ano, tem tido por tôdas nós um apêgo absolutamente dispensável. Sim, já era tempo de S. Ex.<sup>a</sup>, entregando a sua vistosa *toilette* de ventanias e de chuva, partir para os seus domínios desta época, e dar lugar a que se hospede no nosso país a saúdosa Primavera que — ai de nós — este ano parece não nos querer vir vêr, entalada entre o inverno, que engordou, e o verão que, comodamente, se vai instalar em breve entre nós.



Decerto atraídos pela beleza da nossa paisagem e do nosso mar, a Primavera e o Verão costumam ter por nós uma ternura e um encanto só igualada este ano, e bem infelizmente, pelo tristonho Inverno.

Dentro em breve (já vamos por Maio dentro), chega aí o Verão trazendo a sua bagagem cheia de fruta e de sorvetes, e irá instalar-se como qualquer turista na baía azul da linha de Cascais ou fazer a sua «cura de águas» nas Caldas da Rainha. Vê-lo-hemos risonho e saúdavel «arriscar» umas notas nas bancas de jogo do Estoril ou da Figueira, irá tratar do fígado à Curia, irá comer queijadas em Cintra, olhando embevecido e maravilhado do alto do Castelo dos Mouros os cônes gigantes das chaminés do Paço da vila.

S. Ex.<sup>a</sup> o Verão viaja sempre em primeira, fuma cigarros *bout-doré*, utiliza o *Sud-Express* ou então qualquer dos grandes transatlânticos — o *Leviathan*, o *Paris*, etc.

Não é, pois, o Verão um visitante banal das nossas praias e termas. Como um nababo ele corre o nosso país inteiro desde as verduras do Minho até às rochas vermelhas e carcomidas da excelsa costa do Algarve com a sua deslumbrante Praia da Rocha.

Não devem as leitoras, que tão sábiamente conhecem as regras do bom-tom, receber tão luzido visitante duma maneira indiferente e discreta. Não: É preciso recebê-lo em trajes próprios, condignos, em trajes especiais.

Não gosta S. Ex.<sup>a</sup> de trajes pesados e solênes. Antes adora as vestes leves e alegres, cheias de cor e de graça.

É preciso não lhe desagradar, é preciso escolher com ponderação sensata as *toilettes* apropriadas à recepção estival.

A *Voga*, com a sua vigilante solicitude, não esquece todos estes pormenores e, com antecedente oportunidade, se apressa a chamar a atenção das suas numerosas leitoras sobre estes deveres para com uma das mais predilectas estações do ano.

A organização da indumentária para uma estação, principalmente se a leitora tem à sua conta os espinhosos encargos de dona de casa, não é coisa fácil e rápida. É necessário, visto que só pode aproveitar nessa organização o pouco tempo que lhe sobeja das suas ocupações diárias, começar bem cedo a pensar em tudo.

É assim que hoje lhes vimos trazer encantadores modelos utilizáveis em casa durante a Primavera e, logo que o Verão entre, em praias e termas, nos campos ou junto ao mar.

Um vestido de «voiles» de lã, sarja de lã, ou enfim qualquer tecido de lã, pode tornar-se aprazível, cheio de cor vistosa e elegante. Para isso basta que o bom gosto da nossa leitora nêle opere, basta que as mãos diligentes e gentis

das nossas leitoras disponham nêles ramos de flores ou bordados artísticos.

Temos, por exemplo, uma saia plissada em crêpe da China cor de grão e uma «vareuse» de mangas curtas em tecido de lã da mesma cor. Sobre ela pode pôr um pequeno casaco sem mangas em fazenda ligeira, duma cor de grão um pouco mais carregada, guarnecido à frente por duas bandas feitas com o tecido da «vareuse».

Consegue-se assim obter o excelente conjunto da gravura n.º 1.

A «vareuse» é bordada à frente com um grupo de flores, o pequeno grupo que serve para, repetido, encher de alto a baixo as bandas.

Junto publicamos o desenho de que as nossas leitoras se poderão servir para esta linda «toilette».

As flores podem ser bordadas em laranja — as mais claras — e vermelho as que estão com metade coberta.

As folhas e o centro das flores devem ser bordadas em cor de vinho.

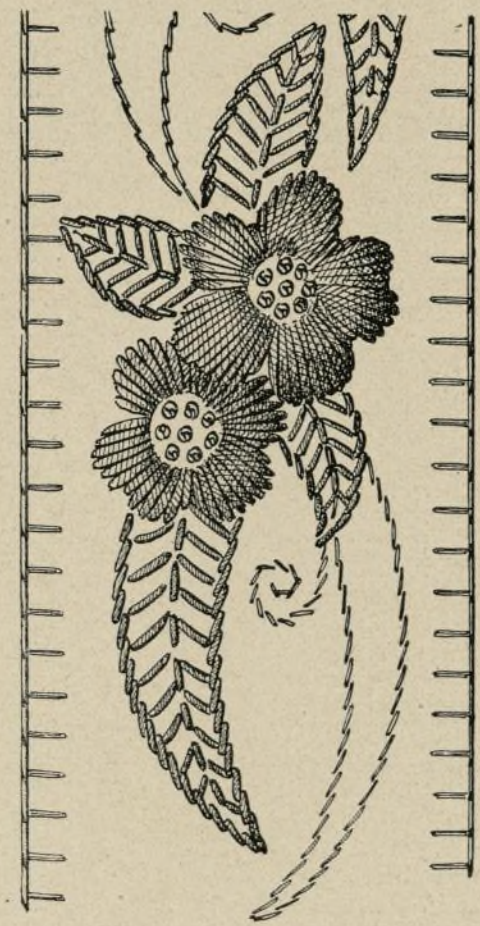
O outro modelo (n.º 2), é também encantador, mais leve e fresco ainda que o precedente.

Pode a blusa ser em verde muito claro (quasi branco) e o enfeite ser bordado em vários tons de verde.

Embora isso nos roube muito espaço não podemos resistir à tentação de publicar este modelo, verdadeiramente encantador, na consciência de prestar um serviço útil às nossas leitoras.

Por sobre a areia loira ou no fundo verdejante dos campos, estes vestidos destacam-se agradavelmente — como que realçarão a beleza de quem os vestir por estas tardes de primavera em sua casa, nesta primavera que tarda em vir... mas que há-de vir, tenhamos esperança!

GUIDA.



## A PRIMEIRA ADVOGADA TURCA

A Turquia deixou de ser definitivamente o país encantado, um país das mil e uma noites. Rompeu magnífica e inesperada a manhã renovadora. Repentinamente, os turcos voltaram as costas à Ásia, berço que embalou sua infância, e destruíram todo o seu passado que teve em Pierre Loti e em Claude Farrère admiradores apaixonados, quasi extáticos. Kemal Pachá decretando a desapareição do fez — fez uma revolução. E são as turcas, as libertas dos harens, as que deixaram de ocultar o seu rosto, tornando menos belos, menos enigmáticos seus olhos, quem mais ardentemente pretendem apunhalar o passado.

Havia já actrizes turcas. Apareceu, agora, a primeira advogada, que dentro de alguns dias fará, em Constantinopla, com solenidade, sua estreia, num processo ruidoso.

Hanum Surey conseguirá comover os juizes, obter a liberdade dos seus constituintes?

Um telegrama de Londres diz-nos laconicamente que Miss C. F. Elem acaba de bacharel-se em metalurgia. Esse facto faz-nos inclinar para o triunfo da advogada turca, visto que ele nos revela que a mulher tem uma vontade de ferro.



## RECEITAS DE COSINHA

### AMEIJOAS COM PRESUNTO E COGUMELOS

ESCOLHEM-SE as ameijoas bem grandes, lavam-se com água fria e seguidamente põem-se a abrir numa caçarola com vinho branco que as cubra. Depois de abertas tirem-se das cascas e deixem-se arrefecer, limpando-as muito bem para que não levem areia.

O vinho da cozedura, convertido em caldo, filtra-se para lhe tirar também a areia.

Na mesma ou noutra caçarola ponha-se ao lume uma porção de manteiga, e quando estiver derretida, junte-se-lhe um pouco de farinha de trigo, mecha-se muito bem até a incorporar com a manteiga; acrescente-se presunto finamente picado, algumas rodas de cebola, dois ou três cogumelos cortados, um ramo de cheiros e um cravo da Índia. Molhe-se com caldo filtrado e um pouco de água se fôr necessário, deixe-se reduzir a metade o molho, passe-se pelo passador, torne-se a aquecer, ligue-se, fóra do lume, com gemas de ovos e conserve-se quente.

Mergulham-se neste molho as ameijoas frias; uma a uma colocam-se separadas sobre uma tábua e deixa-se esfriar o molho. Depois passam-se segunda vez e põem-se a fritar em bom azeite, até ficarem com bonita cor. Servem-se com uma guarnição de salsa frita.

### CARNE DE VACA, RECHEADA E ESTUFADA

TOMA-SE uma peça de carne delgada, de grande superfície e põe-se cerca de 4 horas num molho composto de vinho branco, um pouco de vinagre bom, alhos, sumo de limão e sal.

Passado este tempo, tire-se dêste molho e cubra-se-lhe a superfície, incompletamente, com uma camada composta de feijões carrapatos cozidos, inteiros, rodela de ovo cozido, bocados de tomate cru, sem peles nem sementes, lascas de queijo parmezão, salsa picada e pimenta moída; enrole-se em seguida a carne, ate-se com um cordel e ponha-se a estufar no molho em que esteve, adicionado de pranchas de toucinho, no fundo da caçarola, um pouco de bom azeite e pequenas cebolas inteiras. Leve-se a vasilha, tapada, a lume brando e, depois de estar bem passada a carne retira-se do lume e serve-se.





## HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND  
PARIS — LISBOA

### BOLETIM DE ASSINATURA

Desejo assinar a HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA por.....  
.....(3 meses, 6 meses, 1 ano ou receber pelo correio contra reembolso, conforme assinatura especial abaixo indicada).

NOME .....

MORADA .....

Lisboa, ..... de ..... de 192...

ASSINATURA .....

#### PREÇOS INCLUINDO EMBALAGENS REFORÇADAS

##### CONTINENTE E ILHAS:

Assinatura especial de cada número saído mensalmente e pelo correio contra reembolso (só para o continente e ilhas) ..... 11\$50

Assinatura (pagamento adiantado) 3 meses 6 meses 1 ano  
33\$00 65\$00 128\$00

##### ÁFRICA ORIENTAL, OCIDENTAL E ESPANHOLA

INDIA, MACAU E TIMOR..... 34\$50 67\$00 132\$00

ESTRANGEIRO ..... 36\$00 79\$00 138\$00

..... 37\$00 72\$00 142\$00

Cada tomo avulso, não incluindo porte e embalagem 10\$00

### HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

PUBLICADA SOB A DIRECÇÃO DE  
ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO  
Da Academia das Ciências de Lisboa

#### ALGUNS DOS PRINCIPAIS COLABORADORES

AFONSO LOPES VIEIRA, escritor.  
AFONSO DE DORNELAS, da Academia das Ciências de Lisboa.  
AGOSTINHO DE CAMPOS, da Academia das Ciências, professor.  
AGOSTINHO FORTES, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.  
ALVARO NEVES, escritor, Conservador da Biblioteca do Congresso da República.  
ANTÓNIO BILHO, da Academia das Ciências, director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.  
AUGUSTO GIL, da Academia das Ciências, director geral das Belas Artes.  
BRITO CAMACHO, escritor.  
CARLOS MALHEIRO DIAS, da Academia das Ciências, escritor, director da História da Colonização do Brasil.  
CRISTOVÃO AIRES, secretário geral da Academia das Ciências de Lisboa.  
COELHO DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa.  
EUGÉNIO DE CASTRO, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.  
HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA, da Academia das Ciências, director do Arquivo Histórico Militar.  
GUALDINO GOMES, director interino da Biblioteca Nacional de Lisboa.  
HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Escola de Belas Artes.  
HENRIQUE DE VILHENA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, director do Instituto de Anatomia.  
JOÃO DE BARROS, da Academia das Ciências de Lisboa, director geral da Instrução Primária, professor.  
JOÃO LÚCIO DE AZEVEDO, da Academia das Ciências de Lisboa.  
JOAQUIM DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras, director da Biblioteca e Administrador da Imprensa da Universidade de Coimbra.  
JOAQUIM LEITÃO, da Academia das Ciências de Lisboa.  
JORDÃO DE FREITAS, director da Biblioteca da Ajuda-Lisboa.  
JOSÉ DE FIGUEIREDO, da Academia das Ciências, director do Museu Nacional de Arte Antiga.  
JOSÉ JOAQUIM NUNES, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.  
JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS, da Academia de Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, director do Museu Ethnológico.  
JOSÉ MARIA DE OLIVEIRA SIMÕES, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo professor da Escola de Guerra.  
JOSÉ MARIA RODRIGUES, da Academia das Ciências, professor de estudos camoneanos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.  
JÚLIO DANTAS, Presidente da Classe de Letras da Academia das Ciências, Inspector das Bibliotecas e Arquivos Nacionais, Director da Escola de Arte de Representar.  
LUÍS XAVIER DA COSTA, da Academia das Ciências de Lisboa, Presidente da Associação dos Arqueólogos.  
MANUEL DE OLIVEIRA RAMOS, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.  
MANUEL DA SILVA GILLO, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo Secretário Geral da Universidade de Coimbra.  
MARTINHO AUGUSTO DA FONSECA, da Academia das Ciências de Lisboa.  
MOSES BENSABAT AMZALACK, da Academia das Ciências de Lisboa, professor do Instituto Superior do Comércio de Lisboa.  
P. M. LARANJO COELHO, da Academia das Ciências de Lisboa, Conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Director da Secção de Diplomática da Associação dos Arqueólogos.  
QUEIROZ VELOSO, da Academia das Ciências de Lisboa, Director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.  
REINALDO DOS SANTOS, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.  
RICARDO JORGE, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Director Geral da Saúde Pública.  
S. COSTA SANTOS, escritor.

### EDIÇÃO MONUMENTAL

#### A HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

(FORMATO 32x25)

EM TOMOS MENSAIS DE 32 PÁGINAS,  
ÓTIMO PAPEL COUCHÉ,  
MAGNIFICAMENTE ILUSTRADOS

SAIRÁ EM JUNHO

##### E CONTERÁ

biografias completas, retratos, vistas, costumes, monumentos, rostos de edições raras, manuscritos, miniaturas e fac-símiles de autógrafos, em soberbas gravuras, algumas das quais HORS TEXTE, a cores.

##### CONSTITUINDO

um precioso album em que pela primeira vez, entre nós, se reúne uma tão completa e curiosíssima documentação gráfica.

ARTIGOS DE ESPECIALIZADOS PROFESSORES E LITERATOS DE NOME CONSAGRADO

CADA TOMO... 10\$00

### O MAIOR INIMIGO DAS RUGAS

é o Crème n.º 32 d'ORCEL. Amacia e aformoseia a pele, dando-lhe frescura e aveludado persistentes. É insubstituível para evitar a FORMAÇÃO DAS RUGAS. Não faz crescer os pelos como sucede com a maioria dos Crèmes. — Preço 9\$00 esc., pelo correio, 10\$00.

CRÈME IMPÉRIA D'ORCEL  
PARA FIXAR O PÓ D'ARROZ

Não intoxica a pele, nem a faz lúsidia e untuosa

SUPERIOR AOS MELHORES

Preço 10\$00 esc.; pelo correio 11\$00

LABORATÓRIO ORCEL — Rua Barata Salgueiro, 31, 3.º — Lisboa

Não há sequer um único traço indicativo do «Desespero» ou da «Violência» revoltada contra a «Sorte» ingrata e cruel...

A nota mais incisiva que surge no documento enviado, é unicamente a tendência para o gesto impulsivo na decisão mórbida de um futuro sem esperança e sempre igual.

Depois... quando a série de contrariedade é maior, DITE procura chamar a si um desejo forte de restauração da sua antiga alegria, mas queda-se hesitante, abatida, na indecisão e na dúvida de que o seu gesto e todo o seu esforço resultem profícuos.

Se me fosse permitido indicar a derrota a seguir através desse oceano batido por tão fortes tempestades, onde a sua alma se debate, diria apenas que o único rumo aconselhável é o que, os faróis da Esperança, da Confiança no seu próprio valor e da Certeza num futuro melhor, delinham, apontando a mais curta distância que presentemente a separa do porto da tranquilidade e da alegria...

Porque não há mal que sempre dure!

N.º 470 — Pedagogia — Lisboa — De facto, este grafismo revela-me grandes conhecimentos da Pedagogia estranha a que chamamos Saber Viver, adquiridos nessa Universidade colossal a «Vida», cujos alunos são a «Humanidade» ansiosa por obter a aprovação final, nas provas resultantes dos trabalhos práticos deste grande

AS SENHORAS DAS AVENIDAS NOVAS preparam, para corte de cabelo, o gabinete do SALÃO ARTE NOVA, AVENIDA MIGUEL BOMBARDA, 72, onde serão atendidas por um artista especializado.

laboratório de experiências mais ou menos perigosas e de resultados inesperados a que chamamos Mundo!

E não poucos ficam reprovados ou perdem o ano por faltas!

É bem o grafismo de quem, sabendo marcar a sua personalidade com decisão e confiança, não deixa por isso de saber aguardar pacientemente o resultado final dos seus esforços na certeza de que... não é por muito madrugar que amanhece mais cedo!

Todas as faculdades estão em equilíbrio perfeito e um verdadeiro sinal de método e de ordem disciplinada transparece bem claramente em todos os gestos.

Defeitos? Dir-lhos-hei à maneira de factos mais notáveis do reinado de... D. Pedagogia:

- 1.º — A Secretividade.
- 2.º — A Aprobatividade.
- 3.º — Vagos sintomas de vaidade.

N.º 471 — Uma sonhadora — Beira. — Não! Não é preciso dizer mais nada. Ou antes... escrever mais nada!

Não é necessário, com efeito uma análise muito profunda para trazer à superfície todo o entusiasmo um pouco impulsivo da sua alma agitada de esteta, num vibrar vago de idealismo difícil de explicar...

Na rigidez sómente superficial de todo a sua personalidade, eu reconheço a consciência da sua intelectualidade e da sua imaginação fecunda, pairando sempre altaneira e alheia sobre as necessidades agrestes e cruéis de uma existência nem sempre em harmonia com a sua maneira de sentir.

Sonhadora... a alma porque verifico também que todo o seu físico não sonha, antes permanece bem desperto na visão exacta das necessidades mais próximas e imperiosas!

... que para bem sonhar necessário se torna furtar-nos à noção consciente do Espaço e do Tempo...

— ?!...

#### AVISO IMPORTANTE

Tomamos a liberdade de lembrar a todas as nossas Ex.ªs Consules que as importâncias devidas por cada consulta deverão ser enviadas em papel-moeda e nunca em moedas metálicas, a fim de que a correspondência não fique retida no correio. Rogamos, por isso, a todas as nossas Ex.ªs Consules que não tenham recebido o resultado das suas consultas ou não os tenham visto publicados na Voga, o favor de nos avisarem, a fim de podermos reclamar as cartas que possivelmente estarão retidas no Refúgio Postal.

## Grafologia

Para obter os característicos grafológicos de qualquer pessoa, basta enviar a

MADAME DE MEMPHIS

GRAFOLOGIA — «VOGA»

Rua Anchieta

Lisboa

um envelope contendo o documento ou documentos que se deseja submeter à análise com a quantia de — um escudo — em papel moeda ou estampilhas postais por cada consulta.

O verdadeiro nome ou morada da cliente, só são necessários se se deseja a devolução dos documentos enviados devendo neste caso ser também incluído um envelope devidamente estampilhado e endereçado.

Sempre que as conclusões ou o resultado da análise não correspondam à expectativa dos nossos clientes, ou resultem aparentemente fal-

tos, rogamos encarecidamente que, com a maior sinceridade e sem o menor receio de susceptibilizar a nossa competência, nos apontem os desacordos mais evidentes segundo o critério das pessoas interessadas.

Para uma descrição mais desenvolvida e minuciosa de todos os seus característicos grafológicos, podem todas as ex.ªs consules da Voga reenderçar estas mesmas consultas para o Magazine Bertrand mediante as condições indicadas na secção grafológicas dessa revista mensal. (Esc. 2\$50 por cada consulta) e a indicação do número e pseudónimo sob que foi dada a resposta na Voga.

Só serão enviados pelo correio os resultados das consultas endereçadas ao Magazine Bertrand nas condições indicadas na secção grafológica dessa revista.

MADAME DE MEMPHIS.

N.º 468 — Pérola Oriental — Lisboa — Desejo de aperfeiçoamento pessoal, procurando com toda a sua energia modular a sua personalidade de uma maneira talvez um pouco «copista» mas incontestavelmente correcta e digna de elogio.

É uma natureza decidida enérgica e ousada que, mais tarde, quando os últimos elos de essa infantilidade que hoje a caracteriza, se tiverem desprendido, poderá impôr-se profundamente tornando-a desejada e atraente.

Mais por educação do que por sentimento natural, o seu grafismo revela-me a posse de um sentimento de economia prática muito louvável e conveniente numa época em que a mulher procura sempre impôr-se pela sua independência em relação ao homem até hoje detentor de todas as vantagens e benefícios da pseudo-civilização dos nossos dias.

N.º 469. — Dite — Sensibilidade agitada por uma natureza extremamente impressionável e talvez demasiado fraca e hesitante para poder impôr toda a rigidez e energia soberana da sua vontade débil e sufocada por uma afectividade exagerada.

Ao olharmos com atenção este grafismo, o primeiro característico grafológico que mais claramente parece ressaltar em toda a sua evidência é talvez o sentimento do «Desânimo» rodeado pelo sentido da «Duvida» e da «Resignação» doce e serena.



## BELEZA

A leitora gosta certamente dos braços belos, longos e elegantes, os braços cinematográficos e ideais. Sonha para si com os braços que faltam à Vénus de Nilo.

Os braços são cobrãs brancas, coleantes; são hastes esbeltas no extremo das quais desabrocham os lírios esmaecidos das mãos.

Prendem como cadeias e quando belos desdobram-se em gestos languídos como ondas.

O subtil encanto dos braços, provem de vários predicados, da sua linha de curvas fugitivas, da sua cor de opala ligeiramente rosada, da frescura macia da sua pele e dos seus gestos, dos seus movimentos elegantes.

Dando indicações e algumas receitas para tornar os braços claros, duma cor homogênea, macios e rijos, para fazer desaparecer os pelos superfluos a Voga vem ao encontro das aspirações da maioria das nossas leitoras, mesmo daquelas que têm os braços gentis e desejam conservá-los assim.

A fórmula que vamos dar às nossas leitoras para branquear os braços é muito simples e inofensiva, e de resultados tão satisfatórios quanto seria desejo das nossas queridas leitoras.

|                      |            |
|----------------------|------------|
| Glicerina .....      | 100 gramas |
| Agua de rosas .....  | 100 »      |
| Oxido de zinco ..... | 10 »       |

Os pelos dos braços, tão frequentes e aborrecidos são um dos defeitos que mais prejudica a beleza dos braços cheios de graça e encanto, quando devidamente tratados.

É para se remediar esses grandes defeitos que damos a seguinte receita:

|                            |           |
|----------------------------|-----------|
| Hidrosulfato de soda ..... | 95 gramas |
| Amido .....                | 48 »      |
| Oxido de zinco .....       | 48 »      |

Misturam-se os pós e juntando-lhes uma porção de água faz-se a aplicação.

A ausência dos pelos e a brancura leitosa dos braços são importantes elementos talvez mesmo os principais para manter o seu encanto, e, é para esse efeito exatamente que damos as receitas já mencionadas, podendo as leitoras assim adquirir estas qualidades, base de uma beleza necessária e apreciada.

## O PATRÃO MODELO

UMA associação de dactilógrafas dos Estados Unidos abriu, ultimamente, entre as suas sócias, um inquérito a fim de, por meio de votos, se proceder à escolha do padrão modelar, determinando, com minúcia, as virtudes que o tornam digno dessa classificação.

Triunfou o presidente duma empresa de electricidade, o qual obteve uma maioria de cem votos sobre o mais favorecido de todos os candidatos.

Reproduzimos, em síntese, os méritos que lhe deram a vitória:

Entrar, pontualmente, no seu escritório, não protestando se a dactilógrafa chega um pouco em atraso;

Atender, ele mesmo, o telefone;

Vestir-se bem e não fumar maus cigarros;

Não jurar;

Não pedir à sua dactilógrafa que minta, negando-o, quando ele estiver no escritório;

Não reparar, à hora de fechar o escritório, que lhe faltam nove cartas para ditar;

Não ordenar alterações aos documentos depois de ditados;

Não se lamentar de nem sempre o compreenderem.

Tais são as qualidades que, segundo o concurso dos Estados Unidos, um padrão deve possuir para ser modelar.

Não deixaria de ser interessante um outro concurso: que méritos deve ter a dactilógrafa modelar...

COLGATE'S  
CASHMERE  
BOUQUET

AGENTES:  
João Machado  
da Conceição  
& C.ª Limt.ª



75, RUA DA CONCEIÇÃO, 1.ª-LISBOA

A espuma do sabonete Cashmere Bouquet penetra profundamente nos poros, auxilia a tirar a poeira e as partículas de sujidade e lava instantânea e completamente. Eis a razão por que as peles tratadas com o sabonete Cashmere Bouquet conservam a sua textura jovem e ficam sempre bonitas.

O sabonete Cashmere Bouquet é feito especialmente para a face, para as mãos e a pele fina do pescoço e dos braços.

## A PROPÓSITO DE LIVROS

FONTE BRANCA, VERSOS DE FAUSTO JOSÉ — QUADRAS  
SOLTAS, POR HEITOR DE FIGUEIREDO

Não sabemos quem seja este poeta que tão humilde nome possui. O que sabemos, pela comovida leitura que acabamos de fazer do seu livrinho *Fonte Branca*, é que se trata de alguém com autênticas e reais qualidades líricas. Julgamos que o autor destes amáveis e cândidos versos seja muito novo: Fausto José deve estar ainda naquela deliciosa e formosíssima quadra da vida em que os sonhos abotoam em nossas almas cheias de frescura e de promessas, de amor e de ilusões; — aquela época florida e ingênua que todos nós temos mas que nem todos sabem cantar!... E, por ser muito novo, Fausto José está inegavelmente sob a influência de dois ou três mestres do lirismo português: vê-se isso a cada passo no seu livrinho de versos. Mas o certo é que, quem tão auspiciosamente se estreia, ou nós nos enganamos muito ou virá um dia a ser alguém de destaque na nossa literatura. Há em

*Fonte Branca* um tão delicado sabôr de ingenuidade, uma tal frescura de inspiração, um tão juvenil e amável lirismo que a gente, ao lê-lo e ao perdoar-lhe as indecisões que se topam aqui e ali, se dá por bem indemnizada das mil e uma desgraças líricas que por dever de ofício tem de lêr quotidianamente. *Fonte Branca* é uma promessa e promessa consoladora: oxalá o sr. Fausto José se não fique por ali e nos dê razão no enternecido e complacente enlêvo com que fomos percorrendo as páginas do seu ingênuo e delicioso livro!

A quadra popular é um género de lirismo absolutamente nosso e aquele que mais está a carácter da gente da nossa terra. Nessas quatro linhas de sete sílabas, nêsse poemazinho cujos cantos duram cada um o tempo duma respiração, mas cujo efeito vive e perdura em nossas almas porque nelê vai o sangue do nosso cora-



ção, cabem todos os sonhos e pesares, tôdas as alegrias e dôres, as ironias e queixumes da alma portuguesa. Mas, exactamente porque assim é, precisamente porque, mais do que todo e qualquer outro género de lirismo, vive da sinceridade e não pode haver nêsse pequenino poema logar para artificios nem flores de retórica, a deliciosa quadra popular exige uma técnica muito especial, muito sua, e que nem todos os poetas logram aprender... A quadra popular, seja ela dolorosa ou risonha, é um grito de sinceridade, um protesto do nosso coração e como tal terá de viver do sangue do nosso espírito. Daqui o falharem tantos poetas quando intentam dedicar-se a este género de lirismo... É que a quadra popular, ou nasce espontânea, rústicamente bela, ou não presta. Se a sujeitam a esmeros de cultura, se a levam para o artificialismo, se quem a escreve não a sentiu, sucede-lhe o mesmo que às plantas de estufa: passa a ter uma vida precária e absolutamente contingente. Procurar fazer quadras populares quando para isso se não nasceu ou se não tem alma e coração para semelhante empresa, o mesmo será — como se diz em terminologia agrícola — que forçar uma sementeira... A quadra popular tem de ser ingênua, naturalmente conceituosa, embebida de sensibilidade, e capaz de resumir em quatro linhas de sete sílabas um poema inteiro de muitos cantos.

Ora, vem isto a propósito das *Quadrinhas soltas* que o sr. Heitor de Figueiredo acaba de publicar num pequenino livro. Essas quadras só veem confirmar quanto acima expuzemos. O sr. Heitor de Figueiredo por vezes sentiu e escreveu como sentiu: o resultado foi sair-lhe da pena uma quadra que, não sendo maravilha, é, em todo o caso, aceitável e até mesmo linda. Outras vezes — a quase totalidade — não sentiu: quis fazer quadras. O resultado foi lamentável e, ao contrário do que deveria acontecer, nem lembrança resta em nossas almas da sua leitura. Salvam-se nêste livrinho algumas quadras, mas o resto — a quase totalidade — em nossa humilde opinião, não deveria ser publicado. Se o espaço não fosse limitado, como tem de ser, nesta desprezenciosa resenha, aqui transcreveríamos aquelas em que, a nosso ver, o sr. Heitor de Figueiredo se aproximou da alma popular!

Vá lá apenas esta, que não é nada má:

Bem sei que a lèria sobeja,  
Mas há muita desgraçada;  
Sem registo e sem igreja  
De mim não apanhas nada.

F. M.

Lave, ondule e  
corte o seu  
cabelo  
na

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA  
LISBOA  
AVENIDA, 35



"COLUMBIA"  
AS GRAFONOLAS  
"VIVA TONAL"  
REPRESENTAM

O MAXIMO DA PERFEIÇÃO

AGENTES EXCLUSIVOS:

P. SANTOS & C.ª

57, 59, 61, Rua Garrett - LISBOA - Rua Ivens, 52



BERTRAND  
IRMAOS. L.ª  
FOTOGRAVADORES

TELEFONE TRINDADE  
96  
T. DA CONDESSA DO RIO 27  
LISBOA





## MARION DAVIES

BELEZA FRIA E SAXONICA  
FALA A "VOGA"

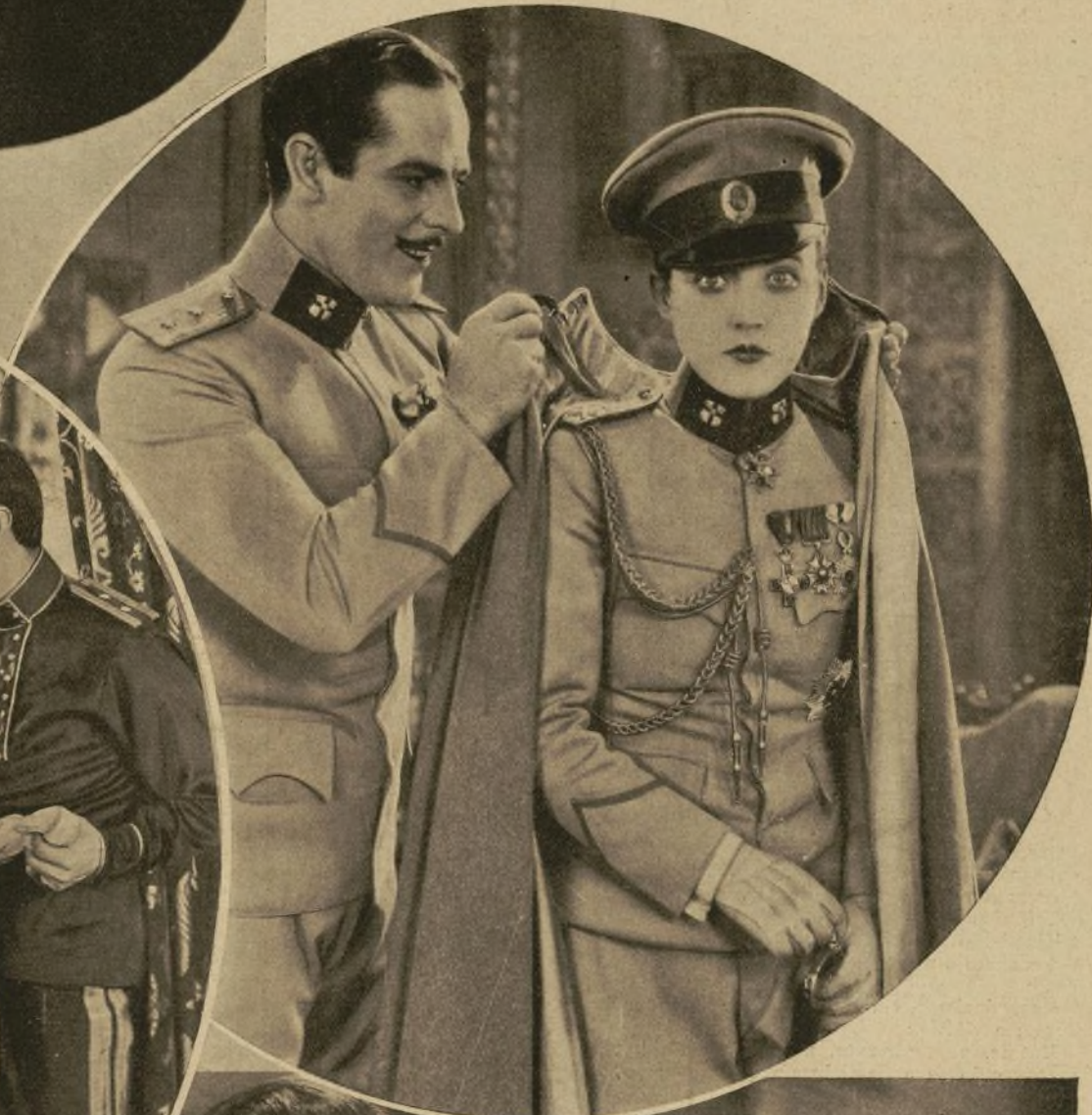
os grandes olhos garços e correu a uma pequena estante cheia de engenho e novidade, duma maquinaria perfeitamente yankee. De dentro tirou... adivinhem as leitoras... um número da *Voga*, desta portuguesíssima *Voga* que é também o vosso prazer espiritual de todas as semanas, minhas queridas leitoras.

Ante o meu espanto, Marion explicou:

— Recebo este jornal do Brasil, por intermédio do correspondente da «Metro» naquele país de língua portuguesa. Quando esta revista falta ou se atraza, reclamo logo com insistência, com afan, porque gosto muito desta linda publicação...

— Mas não sabe português...

(Continúa no proximo número).



**B**ELEZA fina e saxonica, chamou a Marion Davies uma das mais célebres escritoras americanas, Anita Loos, essa que devia celebrar-se no mundo inteiro pelo seu delicioso livro «Os homens gostam das loiras», traduzido já em quasi todas as línguas do Universo. E «miss» Loos, ao desdenhar da suavíssima beleza de Marion Davies, não pensava ainda, decerto, que teria que ver célebre e propagado por toda a parte, um livro em que, precisamente, se defendia o encanto duma beleza loira, loira, loira como um punhado de aromático tabaco de Virgínia.

Anita Loos foi talvez injusta com Marion Davies, sua antiga companheira de estudio, visto que a romancista irónica do «Gentlemen prefer blondes» foi debutante no cinema, nunca passando, porém, da categoria infima das «extra». Até mesmo por este motivo, a sua opinião malévola sobre a linda Marion Davies poderá ser atribuída a despeito ou inveja.

Mas seja como fór, o que é certo é que a linda estrela da Metro é dos mais belos rostos que têm surgido no écran e, se não tivesse a sua dona o real talento que tem, nem por isso seria menos célebre entre as belezas da tela. É Marion Davies uma beleza curiosa, uma loira fotogénica de olhos claros, agudos que, mistérios da fotogenia, não deixam por um momento de ser expressivos, insinuantes, diríamos mesmo «cálidos em sua frieza». A par disto, Marion Davies elegantíssima, esbelta, ginastizada sem excesso, de forma a valorisar a sua deliciosa plástica, é matéria prima histriónica de primeira ordem, adaptando-se a todos os géneros de trabalho com igual relevo e em todos os papeis executando verdadeiras criações empolgantes, quer se trate duma ingénua arqui-romântica, duma coquette última moda, duma «wamp» decadente e perversa, duma selvática filha das pradarias imensas ou até dum delicioso travesti, como foi o que interpretou com singularíssimo relêvo, ao lado de António Moreno em «Beverly of Graustark» que Lisboa supponho conhecerá com o nome de «Sua Alteza». E já que falamos deste filme, demorem-se um instante a conversar sobre ele com Marion Davies pois foi a tal respeito que começamos a palestra, que a mais cândida loirinha de toda a União Americana dedicono amavelmente ao bisbilhoteiro do correspondente de *Voga* em Hollywood!

Recebera-nos a formosa rapariga no seu delicioso cantinho de vestíbulo, esse vestíbulo alegre, moderno, poético, despretencioso e saudavel que parece comum a todas as residências de «star» na Cinelandia.

Marion é tão bonita em pessoa como em imagem, o que, diga-se de passagem, é coisa raríssima. Em geral, as estrelas ganham com a maquilhagem, com a iluminação, com os mil e um truques de que os directores hábeis se vão servindo para lhes mascarar os anos ou os defeitos físicos, defeitos às vezes leves mas que, revelados pela superperspicácia da objectiva cinegráfrica, tomam o aspecto de uma cruel caricatura, impiedosa e sangrenta.

Marion Davies, não. Marion Davies é naturalmente bonita, duma beleza muito cheia de frescura e de encanto, a pele diáfana, muito branca, os olhos lípidos, duma enorme serenidade e duma franqueza acolhedora que nos cativa desde o primeiro momento.

E estava escrito que, desde o primeiro momento eu ficaria cativado.

É que Marion, ao ouvir o que eu pretendia, uma entrevista para a *Voga*, sorriu, abriu

CINEMA CONDES—Terça-feira, 22—«OS AMORES DE MANON LESCAUT»  
COM JOHN BARRYMORE E DOLORES COSTELLO

Ayuntamiento de Madrid